

TEXTOS E IMAGENS EM CENA: O SENTIDO NOS GÊNEROS MULTIMODAIS

Cristiano Oldoni*
Ernani Cesar de Freitas**

Resumo: Este estudo define como tema a multimodalidade discursiva e se propõe a analisar como os sentidos em textos de tal natureza são produzidos a partir da reconstrução analítica de sua cena de enunciação. São mobilizados marcos teóricos relacionados aos gêneros textuais-discursivos, às práticas de leitura, à multimodalidade e à Análise do Discurso. A fim de viabilizarmos a análise global de textos multimodais, sugerimos um dispositivo metodológico para apreensão de seus sentidos, realizando análise de *corpus*. O artigo possui abordagem qualitativa, com natureza aplicada. Acreditamos que este estudo possa contribuir para o fortalecimento dos saberes acadêmicos e para as metodologias pedagógicas que voltem seu interesse às noções exploradas.

Palavras-chave: Multimodalidade discursiva. Leitura. Cena de enunciação.

INTRODUÇÃO

■ São adequadamente produtivas as reflexões que vêm sendo desenvolvidas a respeito da produção do sentido em textos de natureza multimodal, mobilizando diferentes dispositivos teóricos para abordagem da materialidade linguística. Dentre esses estudos, ganham espaço privilegiado aqueles relacionados com abordagens enunciativo-discursivas, como a análise que neste artigo empreendemos: analisar como a vinculação do conceito de “cena de enunciação” à análise de textos verbo-visuais pode auxiliar na identificação de elementos indispensáveis à real construção de sentidos, represen-

* Universidade de Passo Fundo (UPF) – Passo Fundo – RS – Brasil. E-mail: cristianooldoni@gmail.com

** Universidade de Passo Fundo (UPF) – Passo Fundo – RS – Brasil. E-mail: nanicesar@terra.com.br

tando uma forma de apontar caminhos para uma produção de conhecimentos mais expressiva e contribuindo de forma efetiva para os multiletramentos.

Mikhail Bakhtin (2011) já previa a viabilidade de os gêneros discursivos adaptarem-se às diversas formas da atividade do homem. De certa forma, é o que aconteceu com a integração de sistemas semióticos de naturezas variadas na construção textual e projeção de sentidos. A multimodalização de gêneros textuais-discursivos tornou-se imperativa: comunicar de forma eficiente exige o enlace de estímulos verbais e visuais. Assim, considerando o emprego de gêneros cada vez mais diversificados nos processos de comunicação e a necessidade de sua análise eficaz, justifica-se a proposição de dispositivos que auxiliem o domínio dessa prática.

Para refletirmos a respeito das problematizações apresentadas, organizamos este estudo em duas seções: a primeira abarca reflexões sobre a leitura e a prática dos multiletramentos e, para tanto, mobilizamos noções de gêneros textuais-discursivos como possibilidades de enunciar e comunicar e os conceitos de multimodalidade e multiletramento; a segunda analisa a integração de enunciados linguísticos e imagens: valendo-nos dessas categorias sugerimos um dispositivo analítico-interpretativo para a análise de textos multimodais; ainda nessa seção, dedicamo-nos à análise de *corpus*, que envolve um texto de natureza multimodal.

Este estudo possui abordagem qualitativa e é de natureza aplicada, visando à produção de conhecimentos relacionados à construção de sentidos; quanto ao objetivo, o tipo enquadra-se como exploratório-descritivo, buscando maior familiaridade com a temática e caracterizando o fenômeno em foco. O procedimento técnico envolve pesquisa bibliográfica e documental.

Sabemos da complexidade advinda da proposição de um olhar enunciativo-discursivo sobre materiais de leitura que são amplamente utilizados como apoio didático, porém acreditamos também que superar desafios e refletir sobre propostas e metodologias podem constituir uma forma de avanço do conhecimento, que se reconstrói constantemente: a apreensão global da discursividade de textos de natureza multimodal exige que repensemos práticas escolares e proposições didáticas visando ao pleno desenvolvimento de competências discursivas dos estudantes.

DA EXPERIÊNCIA DA LEITURA À PRÁTICA DO MULTILETRAMENTO

Considerando a noção de gênero para relacioná-la a textos e ao próprio discurso, remetemo-nos à ideia de que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se [...] que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana [...]” (BAKHTIN, 2011, p. 261). Assim, também multiformes são as representações discursivas cotidianas, e as abordagens didáticas dos gêneros que representam tais atividades deveriam acompanhar esse movimento.

Os reflexos da atividade humana por meio de gêneros discursivos verificam-se por meio de seu conteúdo, estilo da linguagem e construção composicional, seu aspecto central, construindo solidamente os enunciados desses gêneros (BAKHTIN, 2011). Esses elementos, determinados pela especificidade de cada campo da comunicação e pela interação dos sujeitos, conferem à língua uma concepção sócio-histórica, enquanto fenômeno de comunicação. Dessa forma, mudanças e alterações históricas na forma de comunicar têm relação direta com as mudanças dos

gêneros discursivos e, assim, tomando o enunciado como unidade comunicativa, temos a real possibilidade de compreensão de emprego da língua enquanto sistema. Ao tratarmos da realização da linguagem, observamos, então, que a manifestação linguística acontece por meio de gêneros textuais-discursivos, e a concretização dessas manifestações para interação social efetua-se por meio de textos. Da mesma forma que o discurso, os textos somente podem se realizar na forma de gêneros, que são determinados por circunstâncias sociais, culturais e históricas. De acordo com Marcuschi (2002, p. 19), os gêneros textuais “caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas [...]”. A partir desses pressupostos, direcionamo-nos a uma reflexão não menos complexa: a abordagem, no âmbito escolar, da grande variedade desses gêneros, o que implica as noções de competências de leitura e o prisma do multiletramento nas práticas pedagógicas. Interagir com o discurso e com os textos é tarefa que acontece envolvendo a mediação da leitura. Nesse sentido,

[...] ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (LAJOLO, 1999, p. 59).

Também Michèle Petit (2008, p. 32) ressalta que “é sempre na intersubjetividade que os seres humanos se constituem, e suas trajetórias podem mudar de rumo depois de algum encontro” com a leitura. Esses encontros são permeados pela intersubjetividade que, em última instância, é o suporte do próprio ato de dizer, de enunciar: novos sujeitos emergem a cada novo encontro com a leitura, possibilitando a realização da língua.

Os variados materiais de leitura que nos rodeiam oferecem suportes para que possamos manusear os conteúdos da vida diária. Entretanto, essas interpretações não se dão à revelia dos próprios ditos:

[...] a grande questão, quando nos interessamos pela [...] produção dos significados, é compreender como as limitações são sempre transgredidas pela invenção ou, pelo contrário, como as liberdades da interpretação são sempre limitadas (CHARTIER, 1994, p. 19).

Sobre o ensino, é a partir de um enfoque enunciativo-discursivo que o estudo do texto configura-se com valor efetivo nos trabalhos didáticos. Segundo Rojo e Cordeiro (2007, p. 11), “trata-se de focar, em sala de aula, o texto em seu funcionamento e em seu contexto de produção/leitura, evidenciando as significações geradas mais do que as propriedades formais que dão suporte a funcionamentos cognitivos”. Mudando a concepção de ensino e aprendizagem da língua na escola, evocam-se novas posturas ante o conhecimento: faz-se necessária a substituição dos conceitos relacionados aos tipos de texto pela noção de gêneros textuais-discursivos como instrumentos que amplamente favorecem o desenvolvimento da educação linguística.

É interessante observarmos, então, o papel central que cumprem os mediadores no processo de formação do leitor. Eles são os facilitadores ou as maiores possibilidades de ultrapassar obstáculos na descoberta do mundo por meio da leitura. As práticas pedagógicas diárias deveriam ser tomadas como espaços de

crescimento e expressão da personalidade por meio do ato de ler, e não como espaço de neutralização e nivelamento, pois é também com a intermediação da leitura que se amplia a construção do indivíduo-sujeito. Nesse prisma, os textos multimodais oferecem o atrativo das semioses variadas projetadas de modo simultâneo. Ainda em relação à multimodalidade, vale salientar que, por meio de textos e imagens, é possível castigar, condenar, punir, mas é também possível proteger, resguardar, asilar. Mais fortemente ainda acontece a influência desses sistemas quando estiverem integrados: palavras e imagens associadas na projeção de sentidos operam conjunta e simultaneamente com a finalidade de enunciar. Tratamos, então, de ocorrências discursivas multimodais, que cada vez vêm conquistando maior espaço entre as formas de realização da comunicação.

Em estreita relação com a multimodalidade está o multiletramento, “capacidade de colocar-se em relação às diversas modalidades de linguagens – oral, escrita, imagem, imagem em movimento, gráficos, infográficos etc. – para delas tirar sentido” (ROJO, 2012, p. 31). O cenário contemporâneo estimula a multimodalização de gêneros, e é a popularização dos textos multimodais que torna o momento propício à sugestão de novos instrumentos possibilitadores da construção de sentidos.

Para que ocorra uma efetiva educação linguística, é necessário que esse hibridismo seja entendido como a combinação das significâncias empregadas de forma sincrônica. Desse modo, tornam-se essenciais novas concepções para interação com textos de gêneros multimodais e configura-se como uma exigência que novos letramentos sejam desenvolvidos, tarefa atribuída à escola. Essa perspectiva pressupõe a renovação das aulas de língua materna, em que se lance mão da aplicação de novos paradigmas de ensino e de aprendizagem, como é o caso de uma “pedagogia dos multiletramentos”. Rojo (2012) apresenta uma sistematização dessa prática, em que o ensino e a aprendizagem teriam base em prática situada, instrução aberta, enquadramento crítico e prática transformadora. É indispensável que a prática de uma pedagogia dessa natureza enfatize o que de fato a torna múltipla: “a multiculturalidade característica das sociedades globalizadas e a multimodalidade dos textos por meio dos quais a multiculturalidade se comunica e informa” (ROJO, 2012, p. 13).

É assim que a experiência singular e íntima da leitura crítica e autônoma converte-se em princípio estrutural da prática do multiletramento. Considerando esse panorama, propomos a vinculação do conceito de “cena de enunciação” (MAINGUENEAU, 2010) à análise de textos verbo-visuais para identificar elementos indispensáveis à sua interpretação e à construção real de sentidos, como forma de apontar caminhos para uma produção de conhecimentos cada vez mais expressiva e contribuir de forma efetiva para o multiletramento.

OS TEXTOS E AS IMAGENS NA CENA DE ENUNCIÇÃO

São de grande valia as contribuições de Benveniste (1976, 2006a) aos estudos da enunciação. Esse linguista coloca em evidência o sujeito nos processos do dizer, abordando o caráter subjetivo como inerente à linguagem e configurando as noções de “eu” e “tu” na construção da ideia de “sujeito” e da categoria de “pessoa”, envolvidas no fazer enunciativo-discursivo: “[...] o dizer, não importando o que se diga, está submetido à enunciação, isto é, está impregnado pela presença do *eu-tu-aqui-agora*” (TEIXEIRA, 2012, p. 62).

É de vital importância a percepção do “eu” como possibilitador da intersubjetividade, uma vez que emerge como fonte enunciativa de um sistema voltado para os processos comunicativos. Tal intersubjetividade é ponto de extrema relevância para os estudos discursivos que propomos, em especial no que tange à projeção do *ethos* discursivo. A subjetividade na linguagem e a instauração do sujeito no discurso são avalizadas pelas próprias marcas linguísticas do dizer. Nessa perspectiva, Benveniste (2006a, p. 82) propõe a enunciação como o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”: é importante destacarmos que a enunciação remete diretamente ao ato de produção discursiva de enunciados e não propriamente ao texto produzido por meio de tal mobilização da língua pelo locutor.

Ao considerarmos que as possibilidades de projeção de sentidos não se encontram somente no âmbito do dizível e que as marcas do homem na língua devem ser retomadas na atribuição de valores e significância, estamos ressaltando a essencial característica da subjetividade que envolve as práticas de linguagem. É por meio da subjetividade que o fazer comunicativo converte-se em real experiência de atribuição de sentidos, pois mobiliza sujeitos em sua totalidade, enquanto parceiros de uma real e efetiva troca enunciativa.

A construção de sentidos em textos de natureza multimodal, entretanto, não acontece somente por meio de enunciados verbais. A multimodalidade tem como premissa a integração das marcas enunciativas com as ocorrências imagéticas. Se considerarmos que plataformas semióticas diversas podem agir de maneira integrada, estando, inclusive, subordinadas às mesmas limitações históricas e culturais, percebemos de forma clara o papel insubstituível da noção de engendramento na interpretação de signos das mais variadas naturezas.

Vale ressaltar que, nos meios intersemióticos, cada sistema se constrói a partir de seus próprios signos, mas em função simultânea às projeções e valores dos signos de um plano adicional, ao qual o primeiro está vinculado. Além disso, a relação entre sistemas semióticos acontece entre um “sistema interpretante” e um “sistema interpretado”, nomenclatura oriunda de Benveniste (2006b). A noção de “unidade” ocupa, assim, papel central para entendimento da questão em análise, podendo não representar signos completos, em determinados sistemas. Já as unidades da língua são sempre signos completos de valor. Assim, a significância das unidades visuais

[...] não remete [...] jamais a uma convenção identicamente recebida entre parceiros. É necessário descobrir a cada vez os termos, que são ilimitados em número, imprevisíveis por natureza, logo reinventados a cada obra, em suma, que não podem ser fixados em uma instituição (BENVENISTE, 2006b, p. 60).

No entanto, embora o plano imagético manifeste-se como universo único, permite-se interpretar pelo sistema linguístico.

Se analisarmos o plano imagético dos gêneros multimodais, constatamos que, na interação comunicacional, eles exigem a identificação, o reconhecimento de suas unidades na projeção do sentido pretendido, valendo-se dos mesmos mecanismos que atribuem valor, significado e sentido aos signos linguísticos¹.

¹ Para atribuir significação aos signos e para semantizar a língua, o sistema linguístico lança mão de determinado mecanismo de conversão da virtualidade em sentido. É esse mesmo mecanismo que é concedido por empréstimo aos demais sistemas semióticos para que possam projetar algum sentido.

E, “se quisermos ser consequentes, não poderemos reservar esse princípio [da competência discursiva] apenas aos enunciados linguísticos” (MAINGUENEAU, 2008c, p. 140), uma vez que essa limitação não daria conta da globalidade de sentido da multimodalidade discursiva e dos sentidos por ela projetados.

Para que se tornem legítimos, unidades não verbais e enunciados linguísticos deixam-se submeter a condições específicas da discursividade: imagens e enunciados, no interior do plano do texto, devem interagir com vistas à projeção de sentido, e a apreensão de seu engendramento pressupõe o domínio de mecanismos específicos. Um desses artifícios é a pertinente vinculação de noções de leitura crítica e intersemioses com o conceito de “cena de enunciação”.

Nesse sentido, os estudos desenvolvidos por Dominique Maingueneau (2008a, 2008d, 2010) refletem uma tentativa de especificar o funcionamento discursivo, a partir do conjunto de sua significância, princípio que rege a organização do emprego da língua. Instância dotada de dinamismo próprio, o discurso se coloca como sistema de vivências dos coenunciadores. Uma vez que tal vivência se dá por meio do dizer, é o “modo de enunciação” que privilegiamos nesta análise. Todos os atos de enunciação implicam não somente coordenadas dêiticas para a apreensão do funcionamento do discurso, mas também o contexto no processo interpretativo.

Concebendo o gênero do discurso a partir de limites sociais e históricos, é possível considerar o plano do texto, em que se desenvolve a cena de enunciação, perspectiva interna da situação discursiva. Analisar uma “situação de discurso como cena de enunciação é considerá-la ‘do interior’, através da situação que a fala pretende definir” (MAINGUENEAU, 2010, p. 205). Essa configuração interna do discurso envolve três planos complementares, de acordo com Maingueneau (2008a, 2010): *cena englobante*, relacionada com a natureza geral do discurso, com o domínio discursivo, possui constituição e regulamento voltados à prática discursiva de forma global; *cena genérica*, determinante dos gêneros do discurso específicos que funcionam a partir de sistemas de normas, é possibilitadora da interação entre os coenunciadores na cena englobante; e *cenografia*, intradiscursiva, construída a partir do próprio texto, legitima a cena de enunciação e é desenvolvida pelo texto do discurso em si.

Maingueneau (2008b, p. 59) considera que “a eficácia do *ethos* tem a ver com o fato de que ele envolve de alguma forma a enunciação, sem ser explicitado no enunciado” e enfatiza que o *ethos* deve ser percebido e não constituir em si um objeto do discurso. Fazer referência ao *ethos* discursivo é indispensável, pois a partir do desenvolvimento da cenografia ele se consolida. A noção de *ethos* está associada à de tom, indicador de quem produz um discurso e constituinte de um posicionamento discursivo. Determinando certa vocalidade de um discurso, identificamos seu tom, que conduz à construção de um corpo do enunciador. “Assim a leitura faz emergir uma origem enunciativa, uma instância subjetiva encarnada que exerce o papel de fiador” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 72). O tom encontra apoio no fiador, papel exercido pela origem enunciativa, instância subjetiva encarnada por uma dimensão vocal, determinações físicas e psíquicas atribuídas à personagem do enunciador. O fiador é construído por indícios textuais e é investido de caráter (traços psicológicos) e corporalidade (temperamento corporal, maneira de colocar-se do corpo do enunciador no espaço social).

Quando o destinatário identifica o *ethos*, ocorre a “incorporação” que, segundo Maingueneau (2008b, p. 65), é “a maneira pela qual o destinatário em posi-

ção de intérprete [...] se apropria desse *ethos*". Considerando a participação dos coenunciadores na construção de um discurso podemos observar as marcas deixadas na concretude linguística, que oferecem balizamento à apreensão da significância global.

Análise do texto multimodal com enfoque discursivo

As bases apresentadas nos conduzem a um panorama em que se torna necessário um mecanismo de condução da exploração analítica da multimodalidade que perpassa: 1. uma leitura possibilitadora de encontros significativos por meio dos gêneros textuais-discursivos; 2. a concepção intersubjetiva do ato enunciativo; 3. a condição intersemiótica de textos multimodais; e 4. a vinculação dessas ocorrências ao conceito de "cena de enunciação", que leva à identificação do *ethos* discursivo. Para tanto, apresentamos a seguir um percurso exploratório composto por três estágios de análise da multimodalidade discursiva. Paralelamente à aplicação do dispositivo proposto, realizamos a análise do *corpus* escolhido para o estudo: trata-se de um *cartum*, texto de gênero multimodal, já utilizado como material de apoio didático². Para facilitação das explorações, reproduzimos, a seguir, o texto do *corpus*.

Figura 1 – Cartum



Fonte: Santiago (2004, p. 86).

2 Estamos fazendo alusão ao livro didático *Português – Linguagens*, de autoria de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (2010). Entre 2012 e 2014, esse livro teve o maior índice de adoção entre as escolas públicas de Ensino Médio no Brasil. Dados oficiais disponíveis em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-dados-estatisticos>>. Acesso em: 20 out. 2014.

Estágio 1 – Análise de base³

A ação pretendida com esse primeiro estágio analítico-interpretativo envolve a percepção do engendramento dos planos imagético e linguístico na projeção de sentido e depreende-se dessa conjuntura os sentidos amplos possíveis para a manifestação discursiva. Tão relevante quanto tal constatação é considerar também as condições em que se dá o contato com a leitura, pois, desde esse ponto, já representa o que consideramos um encontro com outras experiências. Percebamos a relevância do engendramento dos sistemas visual e verbal no texto do *corpus*: qualquer outro enunciado verbal que constituísse a fala da personagem não projetaria o efeito de sentido desejado. Da mesma forma os elementos imagéticos só podem ser semantizados em harmonia com as ocorrências verbais: é a premissa da multimodalidade discursiva perceptível na materialidade textual. Nas práticas didáticas, é importante que esses pontos sejam destacados no momento da análise, a fim de que a produção de sentido comece a acontecer já nesse estágio.

Estágio 2 – Análise de domínio discursivo

Propomos como segundo estágio de análise a identificação do posicionamento da materialidade linguístico-discursiva, pertencente a demarcado domínio discursivo. Esse momento da análise inicia o processo de reconhecimento da cena de enunciação proposta por Maingueneau (2008a, 2010), por meio, primeiramente, da “cena englobante”. A circunscrição de um texto a certo discurso constituinte cria um senso de pertencimento ao domínio ao qual se filia. A abordagem metodológica para esse estágio também implica a proposta de “cena genérica”. São pertinentes, observados por um prisma didático, questionamentos e intervenções que levem o leitor à inferência genérica de posicionamento discursivo do texto por meio de:

1. percepção empírica do posicionamento do texto como gênero de um discurso mais amplo, de um campo discursivo: essa identidade globalizante remete à compatibilidade do discurso ao domínio da /Imputação/⁴. Holisticamente, o texto deixa-se perceber nesse domínio mais amplo: a cena englobante, então, liga-se ao discurso /Delator/;
2. apreensão do gênero textual-discursivo a partir da concretude textual – cena genérica: é observável que o acordo comunicativo que se firma entre os parceiros do fazer discursivo é realizado por meio de um cartum, em que destacamos a emergência dos sujeitos, a captação da finalidade discursiva e as características mais gerais do gênero:
 - identificação de coenunciadores do processo discursivo: instauração de sujeitos da enunciação, “eu/tu”. Um “eu”, enunciador, participando de uma instância puramente linguística movimentada o sistema linguístico-imagético ressaltando um aspecto de comedia /Comicidade/ da temática e do conteúdo abordado. Cada leitor que se propõe ao encon-

3 Parece-nos pertinente salientar que os três estágios de análise propostos para o cartum são de cunho didático, representando um dispositivo metodológico que possibilita uma leitura multimodal da cena enunciativa, a partir da língua e das unidades não verbais.

4 Entre barras figuram os tópicos semânticos que emergem da leitura proposta do cartum.

tro com esse texto constrói-se como coenunciador, como um “tu”, posição de parceiro na enunciação;

- captação da finalidade comunicativa do gênero textual-discursivo: a inferência do leitor sobre a finalidade comunicativa surge como um resultado natural. De modo hipotético, já faz parte de seus saberes, advindos de leituras prévias, a que se presta o *cartum*;
- características gerais do gênero: a captação da finalidade é produto também da percepção de características gerais do gênero. É o caso de imagens em quadros associadas a enunciados verbais em que comportamentos humanos são abordados partindo da /Satirização/.

Estágio 3 – Análise e interpretação da projeção do sentido

Pretende-se, nesta etapa, a averiguação da integração e engendramento de elementos linguísticos, imagéticos e discursivos na delimitação do gênero. Neste estágio, adentramos à “cenografia”, conforme proposto por Mainqueneau (2008a, 2010). São extremamente variados os elementos que podem construir a cenografia de um texto multimodal. Citamos, de forma sumária, apenas alguns: enunciados verbais, fontes, figuras, ilustrações, montagens, gráficos, traços, cores e tonalidades, fotografias, diagramação, disposição de elementos, criação de *layout* etc. No caso do *cartum* em análise, merecem atenção a ausência de tonalidades variadas de cores, o traço particular do cartunista arquitetando um estilo único na representação das figuras e a associação desses elementos com o enunciado expresso por uma fala de personagem.

Nesse momento, a abordagem didático-metodológica de análise e interpretação comporta quatro subníveis, particularizando a integração dos planos verbal e não verbal:

1. Identificação de integrações semióticas, que julgamos pertinente nomear como:
 - de primeira ordem: associação direta entre elementos de sistemas diferentes. É o caso, em nosso *corpus*, do vocativo “Senhoras e senhores” que remete à representação imagética das pessoas que compõem o público da fala da personagem central;
 - de segunda ordem: associação indireta entre enunciados linguísticos e imagens que, superada a filtragem semântica, atuam conjuntamente. No *cartum*, essa associação deixa-se perceber ao aproximarmos o enunciado linguístico “falarei de improviso” com o suposto auxiliar escondido em local que se assemelha a uma coxia acoplada ao palco.

Dessas integrações preliminares emergem importantes manifestações de sentido associadas a /Chamamento/, /Liderança suposta/ e /Falseamento/. Para apreensão desses sentidos, insistimos na necessidade de uma competência discursiva prévia que torne viáveis as associações sugeridas. Rojo (2012) auxilia nessa reflexão ao acentuar a imprescindibilidade de o leitor estar apto a identificar as plataformas e planos múltiplos da manifestação textual para sua apreensão na totalidade, o que é premissa para a agência diante do discurso.

2. Interpretação das integrações de sistemas semióticos múltiplos:

- a partir da associação dos sistemas verbal e imagético, são perceptíveis determinados tópicos semânticos, que emergem a partir de uma leitura crítica, representativa de um verdadeiro encontro entre leitor e texto. Analisando mais uma vez o vocativo presente no texto, percebemos a emergência de uma /Cordialidade presumida/, já que a personagem a quem é atribuída a fala trata com /Aparente respeito/ os ouvintes. Já a sequência “falarei de improviso” sugere /Autoconfiança/ e /Autossuficiência/, embora o sistema imagético não permita a confirmação efetiva de tais semantizações.

Envolvendo a matriz de referência e significância que é base do sistema linguístico, enquanto sistema semiótico interpretante (BENVENISTE, 2006b), percebemos, na integração semiótica, tópicos semânticos como /Instabilidade/ e /Insegurança/ associados diretamente à natureza do traçado empregado pelo enunciador para produção das figuras, em que a sensação de inacabamento remete à /Incerteza/ e à /Indeterminação/. Os traços monocromáticos em um fundo branco atribuem ao gênero uma matiz de /Sobriedade/ e /Credibilidade/. Também permitem-se analisar as expressões das personagens: a central mantém os olhos fechados, a boca insinuando uma fala tranquila, o corpo levemente inclinado e uma mão levantada enquanto a outra segura o microfone. Esse lineamento no conjunto textual pressupõe o aparecimento de tópicos como /Tranquilidade hipotética/, /Ilusória seriedade/, /Desejo de convencimento/ e /Controle/. Com relação à figura do assessor oferecendo o discurso à personagem central, é possível especificarmos os tópicos: /Imoralidade/, /Fraude/, /Enganação/ e /Manipulação/. O palco está separado do público por uma barreira, o que sugere os tópicos /Distanciamento/ e /Alheamento/. Em relação ao grupo de pessoas, a minimização dessa unidade no texto insinua /Insignificância/ e /Desimportância/ e a caricaturização facial das pessoas que formam esse público reflete uma posição de /Passividade/ que permeia uma espécie de /Crença coletiva/.

Emerge também o tópico semântico /Adulteração/, já que há explicitação dessa noção ao realizarmos a associação do plano verbal e imagético do texto. Dessa mesma associação, percebemos o surgimento da ideia de /Deslealdade/ manifestada pela postura da personagem em relação a seus ouvintes, além de seu pronunciamento verbal.

3. Determinação do espaço de atuação discursiva a partir dos tópicos semânticos:

- concretização da enunciação através de balizamentos da materialidade linguístico-discursiva e influência do “modo de enunciação” – maneira de dizer –, conforme proposto por Maingueneau (2008d). Assumindo para si a virtualidade da língua e convertendo-a em discurso associado ao sistema imagético, o cartunista Santiago fixa nessa cena o estatuto de um “eu”, “enunciador”, o que implica a presença de um “coenunciador”: esse “tu” é representado pelo leitor do cartum. Representando a fonte enunciativa, são outorgáveis ao enunciador a sugestão de semantizações como /Incriminação/ e /Acusação/. De forma mais ampla e abstrata, surge também o tópico /Parceria/, considerando a enunciação em si e os

sujeitos envolvidos. Observados esses índices de pessoa, podemos correlacionar a eles, como propõe Benveniste (2006a) algumas formas temporais. Projetado no enunciado linguístico, o verbo “falarei”, no futuro do presente, demarca o momento da enunciação, a partir do qual a noção de tempo é criada nesse universo. Esse balizador da enunciação produz sentido relacionado à /Expectativa/. Em harmonia com esse momento enunciativo, estão as marcas de ostensão, o “aqui” do dizer: além dos enunciados verbais, elementos imagéticos do *cartum* contribuem para a apreensão desse “lugar” a partir do qual se concretiza o dizer.

- surgimento do teor discursivo, relacionado com o que Maingueneau (2008a, 2008b, 2010) nomeou como “tom” e “vocalidade” do discurso. Observando a materialidade textual verbo-visual é perceptível uma vocalidade que remete à /Críticidade/ e à /Repreensão/, conferindo ao discurso esse mesmo tom e atribuindo ao corpo enunciante um fiador que se move na direção da /Questionabilidade/ de posturas adotadas publicamente.

4. O *ethos* discursivo – identificação da imagem projetada pelo enunciador:

- projeção de imagem enunciativo-discursiva como tópico máximo do sentido pretendido de um gênero textual-discursivo. Avalizados pela exploração analítica da cenografia do texto, somos autorizados a atribuir ao *cartum* um *ethos* /Denunciante/, que deflagra publicamente a realidade dos supostos improvisos das falas direcionadas a plateias, de maneira geral. Esse *ethos* deixa-se perceber a partir do engendramento dos enunciados verbais com o universo imagético: índices, tópicos e figuras dão de si parcelas indispensáveis à projeção global de sentido.

É necessário ainda acrescentar a esse rol de elementos semânticos, como forma de retomada, a globalidade da integração verbo-visual, as ideias de /Imputação/ e /Delação/ resgatadas da cena englobante, as noções de /Comicidade/ e /Satirização/, advindas da cena genérica, os estatutos adotados pelos coenunciadores, o emprego da formalidade linguística e a temática veiculada para alcançar os sentidos gerais projetados pelo *cartum*.

Assim, reafirmamos a aplicação desse dispositivo como possibilidade de aproximação da realidade comunicativa. Sobre as análises aqui empreendidas, de acordo com Dionísio (2011, p. 150), “é fundamental que se ressalte [...]: não se trata apenas de pôr juntas palavras e imagens num texto, mas sim de se observarem certos princípios de organização dos textos multimodais”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos considerar as análises expostas um protótipo que se aproxima de nosso ideal de metodologia didático-pedagógica em que se propõe uma leitura multimodal da cena enunciativa a partir da língua e das unidades não verbais. Dessa maneira, torna-se pertinente que se repensem as práticas atuais de abordagem dos gêneros textuais-discursivos em sala de aula, se a intenção é promover o desenvolvimento e o domínio da competência discursiva relacionada à multimodalidade, imprescindível para a comunicação na contemporaneidade.

O trabalho do professor precisa estar voltado para conjunturas em que os alunos-leitores convertam-se em verdadeiros produtores de sentidos dos gêneros textuais-discursivos que leem. De acordo com Rojo (2012, p. 29), “para que isso seja possível, é necessário que eles [os alunos] sejam analistas críticos, capazes de transformar [...] os discursos e significações, seja na recepção ou na produção”, utilizando, assim, os saberes aperfeiçoados ou construídos de novas formas, em outras situações e circunstâncias de comunicação. Nesse cenário, em que agência e interação tornam-se imperativas nos processos comunicativos, o papel das práticas didático-pedagógicas torna-se ainda mais abrangente, uma vez que uma pedagogia dos multiletramentos requer o desenvolvimento de habilidades que tornem o aluno apto para a real comunicação.

A multimodalidade discursiva engloba a integração dos enunciados linguísticos e do sistema semiótico imagético na projeção de sentidos da materialidade enunciativa em plataformas analógicas. Nesse estudo, delimitamos a temática com a maneira como se dá a construção do sentido em textos de gêneros multimodais, por meio da análise de sua cena de enunciação. Vários estudos têm voltado seu foco à multimodalidade, porém vinculando seu recorte apenas às práticas de engendramentos semióticos e multiletramentos e, na pesquisa aqui apresentada, recorreremos à Análise do Discurso para balizar as semantizações necessárias à interpretação de textos que se valem da associação verbo-visual.

Consideramos os resultados obtidos um cenário aproximado da realidade discursiva e acreditamos contribuir tanto para o fortalecimento dos saberes acadêmicos quanto para as metodologias didático-pedagógicas que voltem seu interesse e se baseiem nas noções de gênero, leitura crítica e construção de sentidos. São ideias-chave desse estudo: 1. o conceito de “cena de enunciação”, ao passo que considera a amplitude e a globalidade de um discurso, pode contribuir de forma produtiva para a construção de sentido dos textos de gêneros multimodais; 2. o sentido global do texto de gênero multimodal se constrói a partir da integração de seus planos visuais e verbais, em que, por excelência, o sistema linguístico é interpretante do sistema imagético; e 3. novos dispositivos didáticos de análise e interpretação de textos de gêneros multimodais são indispensáveis às atuais sociedades da aprendizagem e do conhecimento.

Os sentidos efetivos dos textos multimodais somente podem ser resgatados associando a ocorrência da concretude discursiva com a prática de linguagem a que se relaciona, estando ela vinculada a quaisquer âmbitos comunicativos de que se valem as sociedades contemporâneas, especialmente aqueles que se utilizam das intersemioses para “dar vida” ao ato de dizer.

TEXTS AND IMAGES ON THE SCENE: THE SENSE IN MULTIMODAL GENRES

Abstract: This study defines the subject as the discursive multimodality. It analyzes how the meanings in texts are produced by the analytical reconstruction of its enunciation scene. The theoretical backgrounds are related to the discursive textual genres, reading practices, multimodality and Discourse Analysis. In order to make possible the global analysis of multimodal texts, we suggest a methodological device that gets its meanings, carrying through corpus analysis. The article has qualitative approach, applied nature. We believe that this study can contribute for the strengthening of academic knowledge and

it can help the pedagogical methodologies focus their interests on the explored notions.

Keywords: Discursive modality. Reading. Enunciation scene.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 277-326.
- BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral*. São Paulo: Cia. Editora Nacional; Edusp, 1976. p. 284-293.
- BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 2006a. p. 81-90.
- BENVENISTE, E. Semiologia da língua. In: BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 2006b. p. 48-67.
- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português – Linguagens*. São Paulo: Saraiva, 2010.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora Unesp, 1994.
- DIONÍSIO, A. P. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 137-152.
- LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1999.
- MAINGUENEAU, D. *Ethos, cenografia e incorporação*. In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008a. p. 69-92.
- MAINGUENEAU, D. Problemas de *ethos*. In: POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. de. (Org.). *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008b. p. 55-73.
- MAINGUENEAU, D. Uma prática intersemiótica. In: MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008c. p. 137-158.
- MAINGUENEAU, D. Uma semântica global. In: MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008d. p. 75-97.
- MAINGUENEAU, D. Situação de enunciação: situação de enunciação e cena de enunciação em análise do discurso. In: MAINGUENEAU, D. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2010. p. 199-207.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 15-36.
- PETIT, M. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2008.
- ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R.; MOURA, E. (Org.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012. p. 11-31.

- ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. Apresentação: gêneros orais e escritos como objetos de ensino: modo de pensar, modo de fazer. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p. 7-18.
- SANTIAGO, N. R. A. *Tinta fresca*. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- TEIXEIRA, M. Um olhar enunciativo sobre o discurso. In: DI FANTI, M. da G.; BARBISAN, L. B. (Org.). *Enunciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 62-74.

Recebido em fevereiro de 2015.

Aprovado em agosto de 2015.